

## A Galiza, os galegos e a língua segundo Rodrigues Lapa

*Isaac Alonso Estraviz*

*Universidade de Vigo*

*Publicado em Agália, 53 (Primavera 1998)*

### 0.0. Meus contactos com Rodrigues Lapa

0.1. A primeira vez que vi a Rodrigues Lapa foi no ano 1965 na apresentação do livro *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*. Naquela altura vendo-o rodeado por muita gente nem sequer me atrevi a falar com ele. Mas aquela imagem do Professor falando na Biblioteca Penzol ficou-me gravada para sempre.

0.2. Foi em Madrid ao realizar os meus estudos de licenciatura em Românicas quando comecei a ler parte da sua obra. Mas faltava ainda o contacto pessoal com ele. Foi nos começos de 1978 que ele me dirigiu uma carta a Moscavide para nos encontrarmos posteriormente. A partir de aí os nossos contactos epistolares e pessoais na Anadia e Caparica se multiplicaram. No nosso primeiro encontro levantou a dúvida sobre umas frases minhas aparecidas num artigo onde lhe tive que explicar que não ia com ele o que ali se dizia.

0.3. O que mais admirei dele, além dos grandes conhecimentos e da sua paixão por tudo o que se referia a Galiza, era a sua grande sensibilidade. Era um homem muito sensível, sempre disposto a ouvir a todo o mundo e sempre falando bem dos seus amigos, mesmo de aqueles que se afastaram dos comuns princípios e enveredaram por outros caminhos. Para mim foi, como deixei escrito, «O Galego mais Galego de todos os Galegos».

## 1.0. A Galiza

1.1. Que era Galiza para ele? Desde que Rodrigues Lapa visitou por primeira vez a Galiza no ano 1932 para assistir à homenagem a Castelão e contactou com os galegos, até ao último momento da sua vida, a sua atitude foi inquebrantável: «Sempre considerei a Galiza, essa terra maravilhosa, desgraçada e incompreendida, como sendo a minha própria terra; e historicamente e geograficamente assim é, pois estou dentro dos limites da velha Galécia, que chegava pelo sul ao rio Mondego. Mas também lhe estou vinculado pelo coração, que apoia naturalmente todos os que defendem a sua liberdade e a sua cultura». No artigo que publica em Seara Nova à volta da Galiza «Castelao e a Galiza», diz: «Estou pasmado, parece-me estar em Portugal (.). Sentia como se fosse galego».

1.2. Numa conferência intitulada A Galiza, o Galego e Portugal pronunciada o 18 de Janeiro de 1971 em Coimbra e publicada posteriormente na revista Biblos, começa o Mestre assim: «A Galiza é para nós, portugueses, a velha irmã esquecida, que se conhece por ser parecida connosco, mas a quem se não dá, afora uma ou outra alusão de poetas, a importância que merece. (...) ... Portugal não pára nas margens do Minho; estende-se naturalmente, nos domínios da paisagem, da língua e da cultura, até às costas do Cantábrico. O mesmo se pode dizer da Galiza: que não acaba no Minho, mas se prolonga, suavemente, até às margens do Mondego. Estando em Coimbra, estamos pois nos confins da velha Galécia, somos galegos daquém-Minho. Não importa que a Galiza dalém-Minho viva sob uma outra bandeira». Nesse artigo aduz Rodrigues Lapa toda uma série de citações de galegos para confirmar a sua tese. De Portela Valadares: «A meu ver, em Portugal até ao Mondego é onde melhor se evoca o nosso passado. O que falta da alma da Galiza fugiu para Portugal». De Correa Calderón: «Etno- grafia, paisagem, amizade, língua, tudo une a terra galega à sua irmã, a terra de Portugal». No mesmo artigo e um bocadinho mais adiante diz o Mestre: «Por Galiza entendemos, pelo menos, a faixa que se estendia

desde o Cantábrico até ao Mondego. Não se esqueça que a cidade de Coimbra foi repovoada por galegos nos fins do século IX».

1.3. Mas ao mesmo tempo que sinala os limites da Galiza, vê na Galiza por ele sempre personificada muito mais do que um território ligado geograficamente a Portugal. Eis o que ele nos diz: «Terra do sim e do não, estranha e maravilhosa, esta velha Galiza ainda dará muito que falar de si mesma numa Espanha vindoura. Será que a teremos um dia como a luz da Ibéria, segundo os vaticínios de Pondal?». Insiste neste artigo que acabamos de mencionar, na mesma ideia da Galiza, valendo-se para isso do testemunho de dous galegos: «Eduardo Pondal e o historiador Manuel Murguía foram os primeiros a compreender o drama galego, originado pela segregação das duas Galizas, a de além e a de aquém-Minho. E acreditaram que estas duas irmãs poderiam um dia voltar a unir os seus destinos». Comentando um desenho de Castelão do Album Nós, no que uma criança lhe pergunta a um velhote - E os da banda d'alá son mais estranxeiros que os de Madrí? Rodrigues Lapa dá por suposta a resposta com um não: «Nem poderia responde outra coisa: porque um português de verdade não tem o direito nem o dever de sentir-se na Galiza moralmente um estrangeiro».

1.4. A ideia de uma Galiza em dous estados: a Galiza (dentro do estado espanhol) e a Galiza dentro de Portugal, foi uma constante em toda a sua vida. No 18 de Novembro de 1984, horas antes de se iniciar a Homenagem que a Câmara Municipal da Anadia lhe ia tributar, teve a gentileza de me conceder uma entrevista na que procurei gravar o seu pensamento. Só a mim me concedeu essa entrevista, pois os médicos não queriam que o importunassem os jornalistas por motivos de saúde, expôs muito claramente o que tinha dito através de toda a sua vida sobre a Galiza e os Galegos: a Galiza, repetiu uma e outra vez, chegava «usque ad Mondecum», até ao Mondego. Não sei se o Mestre sabia que a dous quilómetros e meio de Sada (Corunha) há uma paróquia chamada São Julião de Mondego e que um dos vários ribeiros que banham as suas terras leva o mesmo nome... Em carta ao escritor Xavier Alcalá, de 31 de Maio de 1974, começa: «Recebi a sua crónica, Portugal, tan perto, que muito lhe agradeço. Está cheia de verdade e simpatia por esta Galiza daquém Minho, que vamos agora reconstruir na liberdade que nos foi oferecida pelos jovens capitães do nosso exército».

1.5. Falando do poema de Pondal, hoje Hino nacional galego, diz o ilustre Mestre: «Mas é pena que não seja também entoada a 6ª (estrofe), pois nela vem ligada a «nobre Lustânia», isto é, Portugal, à liberdade da Galiza, cumprindo-se o «destino mágico» da grei de Breogán, ou seja o ressurgimento da

antiga comunidade. Dar-lhe-ei um nome, a Portugaliza, que eu proponho cordialmente a todos que me lêem: os dois corpos figuram nele, unidos e de corpo inteiro, como convém». Hoje o neologismo de Rodrigues Lapa tem carta de cidadania entre todos os que trabalhamos na unidade linguística e cultural da língua comum. E mesmo já foi deformado para Portugalícia por alguns escritores inimigos nossos ao falarem da Galiza e Norte de Portugal. Indo da Estrada para Santiago, uns seis quilómetros antes de entrar na cidade o viajante encontra-se com um restaurante também chamado Portugalícia.

1.6. Há outro artigo de Rodrigues Lapa, publicado em Nova Renascença, Porto, em Outubro de 1983, que cito pela edição da revista *Linguística, Sociolinguística e Literatura Galaico-Luso-Brasileira-Africana de Expressão Portuguesa*. É «A Recuperação Linguística Galego-Portuguesa -Um Drama que afecta a nós todos». Pois bem, nele Rodrigues Lapa ao falar da língua e da história da literatura galego-portuguesa diz-nos: «Se ao começo, o fiel da balança pendeu para o lado galego, como era natural, depois, mais para o fim, inclinou-se para o lado português. Deu-se a decadência a partir do século XIV, os elos que estreitavam as duas Galizas foram-se alargando, a influência castelhana foi endurecendo ao norte do Minho, até que o galego, atingido pelo cesarismo político, deixou-se de escrever publicamente».

1.7. Por último vou citar, a respeito deste apartado, o que escreveu Teixeira de Pascoais a Risco, publicado no primeiro número da revista *NÓS* e que ele recolhe num dos penúltimos artigos que publicou sobre o tema: «...A Galiza é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu dos seios da Galiza; depois abandonou a Mãe e foi por esses mares fora: fugiu como o filho pródigo. Mas é chegado o tempo do seu regresso ao lar materno. Temos de voltar a viver espiritualmente em comum. Assim o exige o destino das nossas Pátrias que ainda não está cumprido». Este pensamento que Teixeira aplicava ao português, Lapa aplica-o ao galego em termos de língua e de cultura.

## 2.0. Os Galegos

2.1. Sobre os galegos é muito o que deixou escrito procurando salientar sempre os aspectos positivos e tirando importância a textos tanto de galegos como de portugueses onde se pudesse ferir a sensibilidade de uns e outros. Vamos ver, pois, através dos seus textos o que ele nos diz.

2.2. De Castelão, símbolo do galeguismo e dos galegos, faz o seguinte retrato: «Um homem encantador, sem artifício nem pose, que se senta àquela mesa ritual como se estivesse na sua casa de jantar. Ao meio do almoço irrompe na sala um coro galego. Não sei o que tem a gaita que me revolve todas as fibras da sensibilidade». «... génio galego, profundamente delicado e humano». «É a exaltação do psiquismo galego, sério, profundo, lírico, frente à mórbida ligeireza do andaluz».

2.3. Mas ele sabe que pesa sobre o Galego uma tradição oprobriosa: «Uma tradição injuriosa fez do Galego, no conjunto ibérico, um ser moralmente inferior, tosco, inacabado». Lamenta profundamente o que diz Camões nos Lusíadas e tenta por todos os meios tirar-lhe ferro ao sintagma «sórdidos galegos», procura dar-lhe a razão ao Padre Sarmiento ao tempo que põe outros portugueses como modelo de apreço, especialmente Herculano, que na sua História trata muito bem os Galegos e na novela A Ilustração assimila inteiramente o Galego ao Português.

2.4. Rodrigues Lapa depois de mencionar as características que os estudiosos lhe atribuem ao Galego, termina dizendo: «Somos ou não parecidos como duas folhas da mesma árvore, para não dizer como duas gotas de água?». No mesmo artigo diz novamente: «Ora o Galego, pelo retrato que «viram», tem uma pinta totalmente diversa da do Castelhana, tipo duro e altaneiro, que não vai com branduras e delicadezas. E aqui se originaram os doestos, sarcasmos e ditérios de que foi vítima o Galego, em que também tomámos parte, para nossa vergonha, pois não reparávamos que, rindo-nos dele, nos ríamos de nós próprios». E não satisfeito com o dito, acode à História apoiando-se em Julián Ribera: «No mercado de Córdoba, o galego valia o dobro de qualquer outro escravo, e no de Toledo compravam-se quase exclusivamente galegos e galegas. Os Árabes admiravam a valentia desses homens, que reputavam superior à dos Francos. Sob a designação de «Galego», não consideravam apenas os habitantes da Galiza, mas toda a gente do Noroeste, incluindo, já se vê, os Portugueses». É interessante o testemunho que aduz do escritor francês Joseph Carrère, que escrevia no ano 1798 referindo-se aos galegos que viviam em Lisboa o seguinte: «Uma raça corpulenta, nervosa, ágil, de cabeça erguida, olhos brilhantes, ar sobranceiro e decidido, dá logo nas vistas em Lisboa. Encontra-se por toda a parte, nas praças, à esquina das ruas, ao longo do rio, às portas das lojas e oficinas, nos trabalhos públicos. Está sempre pronta a servir os que a querem utilizar. Não oferece os seus serviços; espera, com tranquila dignidade, que lhos solicitem. Esta raça desperta a atenção do observador, que não encontra nela nenhum dos caracteres e maneiras do povo português... Esses homens são os galegos». No artigo «Língua Portuguesa: a quantidade e a qualidade», aproveita para falar dos grandes escritores portugueses de

origem galega e da valia dos actuais galegos. Eis o que ele nos diz ao falar da reforma ortográfica galega dentro da unidade comum: «Estamos, pois, perante um grande acontecimento histórico: o acesso à nossa comunidade linguística demais alguns milhões de indivíduos. A quantidade não é por aí além; mas a qualidade, posso garantir que é de primeira ordem».

2.5. Rodrigues Lapa nunca negou a sua condição de Galego. Já no ano 1933 na conferência pronunciada no salão da «Ilustração Portuguesa» em 15 de Fevereiro e repetida o 30 de Março de 1933, publicada posteriormente na revista Seara Nova, nº 34 (1933) e ultimamente em As minhas razões, diz-nos: «Os nossos irmãos brasileiros, maiormente os que padecem da borbulha donativismo, consideram-se os donos do português, lançam-nos na balança o pesado argumento dos seus 43 milhões de habitantes e, quando recalcitramos, chamam-nos galegos, ignorando talvez o muito que há de verdade na suposta injúria».

2.6. Ramón Piñeiro que considerava a Rodrigues Lapa como o galego mais ilustre de além Minho, chegou a cegar-se totalmente e ignorar tudo o que tinha dito anteriormente. É muito ilustrativa a carta que se vem de publicar na Correspondência de Rodrigues Lapa: «Fomos sempre galegos e, como tales galegos, sentímonos irmáns dos portugueses, pero nunca fomos portugueses (...) pretender que somos portugueses e que o português é a nosa lingua é un desatino histórico.(...) Que vostede se sinta galego non quer decir que eu deba de me sentir portugués. (...) De ahí que teñamos que distinguir claramente a existencia destas tres esferas de relación: portugueses que non son galegos, portugueses que son galegos e galegos que non son portugueses».

2.7. Rodrigues Lapa tem a grande orgulho declarar-se galego. Eis o que ele nos diz em resposta ao brasileiro Augusto Meyer: «Logo no começo do seu artigo, Meyer, a quem me ligou grande amizade e admiração, cita o meu nome e o do professor brasileiro Celso Cunha como galegos «honorários», pelos serviços que um e outro prestamos à cultura galega. Em carta que lhe escrevi declarei-lhe que era «galeguíssimo», por ter nascido em Anadia, dentro dos limites da velha Galiza».

### 3.0. A Língua

3.1. A problemática da língua foi uma constante obsessiva através de toda a sua vida. Talvez não encontremos um português que com tanto amor e trabalho a tenha defendido. Por ela foi marginado da docência, por ela trabalhou toda a sua vida e com ela chegou até aos últimos momentos da sua existência. O mesmo que nos apartados anteriores, vamos também seguir passo a passo as suas afirmações através dos seus escritos. Especialmente aqueles nos que fala da problemática do português da Galiza.

3.2. Na entrevista que lhe fazem para o Diário da Noite de Lisboa, depois da ida à Galiza para a Homenagem a Castelão, já começa a deixar claro a unidade da língua e da cultura galego-portuguesas: «O povo galego tem sabido conservar, através de tudo, com uma teimosia passiva, que é a nota dominante do seu carácter actual, o indigenato da sua cultura, que, sendo galega, é também portuguesíssima». Perguntado sobre se se deve iniciar um intercâmbio galego-português, responde: «Para esta indispensável aproximação, é necessário em primeiro lugar reformar a ortografia galega no sentido da nossa ortografia oficial, sempre que isso seja possível, que quase sempre o é. É uma ideia querida desse espírito europeíssimo que é Correa Calderón. Teremos então um português ingénuo, delicioso, sabendo a velho, mais próprio para exprimir todos os matizes da sensibilidade, com alguns subsídios, procurados naturalmente entre nós e não no castelhano».

3.3. No trabalho Política do Idioma fala de como há povos que são obrigados a falar duas ou mais línguas, incluindo em tal caso a Galiza: «Temos aqui à porta exemplos desse formidável equívoco, um deles, a Galiza, interessa-nos particularmente, por se tratar de mais de dois milhões de bocas que falam como que às escondidas o português. Esse caso faz parte da conferência de hoje e como tal o trataremos na sua oportunidade». E um bocado mais adiante acrescenta: «Numa Espanha federada - para lá caminhamos, ao que parece- o grupo galego-português com cerca de nove milhões de falantes poderia ter uma indiscutível supremacia». E mais adiante volta insistir no mesmo: «Há ainda outro problema ortográfico a resolver, em que será precisa a nossa interferência. Refiro-me ao da ortografia galega. V. Exas sabem que para cima da risca prateada do Minho vive e sofre um grupo de dois milhões de homens, que falam a nossa língua e sentem a nossa alma; e que fora da Galiza, outros dois milhões ou mais mourejam em terra alheia, não raro ao lado de portugueses». Tudo isto, e muito mais, dizia ele no ano 1933.

3.4. Num trabalho posterior em 1935, no Centenário de Pondal, o Mestre ao falar dos complexos que têm os Galegos a respeito do idioma diz: «Considera-se o galego um dialecto rústico e não se conhece que esse dialecto foi já portador duma admirável civilização artística e ainda o poderá vir a ser, se for cultivado com inteligência e com amor. E as verdadeiras elites, partindo deste princípio, entendem que a única maneira de afinarem o instrumento, de que não prescindem, será pô-lo em contacto com o instrumento português, mais acertado. Em A Galiza, o Galego e Portugal começa falando da necessidade de conhecer a cultura galega se se quer interpretar bem Portugal e cita uma série de galegos que falam da unidade idiomática: «... por cima das águas do nosso Minho perdura a comunidade originária no idioma, na cultura, no carácter idêntico...» (Portela Valadares). «Etnografia, paisagem, amizade, língua, tudo une a terra galega à sua irmã, a terra de Portugal» (Correa Calderón). Examina a problemática do Padre Sarmiento e de certos autores portugueses que no lugar de esclarecem erros provocam confusão na harmonia que deve reinar sempre entre ambos os povos. Continua a falar das qualidades dos galegos e olha para atrás e referencia a miopia de um regionalista galego, Leopoldo Pedreira, que considerava a fala da Galiza como «pobre dialecto campesino» para afirmar: «Esse idioma galego, que nos parece hoje um pouco diferente do nosso, tem uma história melancólica como a do indivíduo que o fala».

3.5. Mas onde o Mestre vai falar com maior clareza vai ser no artigo intitulado «A recuperação literária do galego», publicado por primeira vez na revista Colóquio e Letras, nº 13 (1973) e republicado posteriormente em Estudos Galego-Portugueses. Começa dizendo: «Efectivamente, tudo quanto se passa no Brasil ou para além do Minho, em matéria de língua e de cultura, não nos pode, não nos deve ser estranho; são produtos da mesma raiz e atestam a fecundidade do nosso génio criador». Ao falar da koiné que se pretende criar na Galiza com os diferentes falares locais diz: «Essa koiné tem de surgir acima dos particularismos locais e terá de se apoiar, obviamente, não no castelhano, mas sim no português, muito ao contrário do que pensava e fazia Iglesia Alvariño». Depois de um arrazoado discurso, Rodrigues Lapa conclui: «Nada mais resta senão admitir que, sendo o português literário actual a forma que teria o galego se o não tivessem desviado do caminho próprio, este aceite uma língua que lhe é brindada numa salva de prata. É com este material da velha casa comum, e sem pôr de lado o castelhano para o que for provisoriamente necessário, que se deve forjar progressiva mas aceleradamente a língua de cultura indispensável à Galiza».



3.6. Aquando um grupo de estudantes de Roma lhe envia o «Manifesto» no que eles mesmos coincidem com o seu pensamento, este diz: «Partindo do princípio, exacto, de que o galego é fundamentalmente o português, e que esse idioma rústico, descido à condição de dialecto, precisa, para tornar a ser verdadeiramente uma língua literária, de se aproximar do português culto até se confundir com ele, aportuguesam eles próprios a sua língua escrita, o que já devia ter sido feito, e não o foi, cem anos atrás». Noutro artigo posterior «Ainda a recuperação literária do galego», publicado em 1975 na revista *Árvore* e posteriormente nos *Estudos Galego-Portugueses*, aclara-nos: «Há quase meio século que ando ocupado com o problema da cultura galega. Sem a estudar em profundidade, não poderemos conhecer a nossa própria cultura, nem o homem português nem a língua portuguesa. E é o idioma galego o que mais me tem interessado, naturalmente». Nele volta a repetir o dito em 1973: «Nele defendia e defendo a tese seguinte: a recuperação literária do galego, que ainda não está feita, nem sequer talvez esboçada, só poderá entender-se como um trabalho de aproximação das formas do português literário. Partia da premissa, suposta incontestável, de que o padrão literário do galego deverá ser necessariamente o português. E essa objectiva portuguesa repele o estado e a configuração do galego actual como língua literária. Se não existisse o português, o caso era diferente; assim o galego, propriamente dialecto do português, terá de ajustar-se a essa realidade». E cita o humorista galego Júlio Camba que dizia em 1926: «si en gallego se puede decir todo lo que se quiere, ello es tan sólo a condición de decirlo en português». Volta novamente a citar a Manuel Murguía, João Vicente Viqueira, Castelão na sua carta a Sánchez Albornoz e o grupo de estudantes de Roma. Termina o artigo dizendo: «O problema galego terá de ser repensado em todos os seus aspectos pelos próprios galegos».

3.7. Sempre que fala do idioma distingue claramente entre dialecto falado e língua literária, reservando para o primeiro a fala popular galega e para a segunda a língua literária do português. Por isso acumula cada vez mais citas de outros autores que defendem o mesmo do que ele. Agora acude à *Ilustración gallega y asturiana*, de 8-10-1880 onde recolhe o dito por um asturiano, António Balbín de Unquera, que afirma: «Os galegos têm, à falta de uma própria, a literatura portuguesa, que pode servir-lhe como excelente modelo; esta lhes oferece teatro, poesia épica (e nesta uma jóia da literatura universal), obras históricas e científicas. Tomar o que for necessário de além-Minho para escrever em galego é como tomá-lo do próprio pecúlio». Volta novamente a citar a Viqueira. Salaria mais uma vez, que «Língua, hoje, propriamente falando, há só uma, o português».

3.8. O Mestre, que conhecia muito bem tudo o que os galegos tinham dito acerca da língua, lembra agora a um escritor pouco conhecido nas polémicas linguísticas, mas que nisto foi inequívoco, trata-se do historiador Francisco Tettamancy. Com motivo do monumento aos Mártires de Carral houve uma grande polémica sobre a inscrição. Tettamancy responde aos detractores da legenda: «A legenda do monumento, digam o que quiserem, está escrita em galego castiço. Se as línguas progredem, como tudo é susceptível de progresso na vida, e a nossa língua galega estacionou a partir do século XIV, é necessário retrotraí-la e fazê-la progredir, como fizeram os Portugueses. O seu idioma é o nosso, e tais são as suas afinidades que em nada diverge do galego, pela sua estrutura, a sua fonética, sua fraseologia, suas desinências, etc., só que os Portugueses o civilizaram». «Os Galegos têm a sorte rara de poderem fazer essa opção (apropriar-se da forma literária do português), coisa de que se não podem gabar nem bascos nem catalães».

3.9. Protesta Rodrigues Lapa de que quando se fazem os cálculos dos lusofalantes não se incluem neles os Galegos, porque, «dado que o galego não é mais do que uma forma arcaizante do português, ou do galego-português, como quisermos». Cita também a Juan Valera que lhe dizia a Manuel Murguía «que o português dos livros é, ou deve ser, a forma literária do galego». No último artigo da miscelânea Estudos Galego-Portugueses intitulado «António Sérgio e a língua literária», termina dizendo: «O português literário, sem garantia de propriedade, é privilégio de três países: Galiza, Portugal e Brasil, a que juntaram agora mais cinco nações africanas emancipadas».

3.10. No trabalho já citado anteriormente, «A Recuperação...», ao comentar alguns textos adaptados para o português por autores brasileiros diz: «O galego não precisa nem deve ser traduzido para português, porque ele mesmo é português tanto como o português é galego. Se o idioma actual apresenta certas desfigurações que o fazem divergir do português num ou noutro ponto, essas alterações têm uma causa bem conhecida e deverão ser corrigidas, já o estão sendo; mas de modo nenhum legitimam um critério de diferenciação linguística, como por vezes se apregoa, com manifesta desonestidade mental».

3.11. Piñeiro foi partidário de uma ortografia comum com o português. Ele mostrou-me com orgulho os livros de E. Guerra da Cal: Lua de além Mar e Rio de Sonho e Tempo num primeiro intento de adaptação ortográfica, os primeiros fascículos do Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira. R. Piñeiro era um homem tímido, bastante ensimesmado e crido, que não tolerava que lhe levassem a

contra. Quando se lle dava a razón era una pessoa amável, simpática, que exaltava as cualidades do que pensava ter convencido e se punha furioso e arremetia contra o oponente, em grande parte desiludido ao ver que era deixado de lado na elaboração das normas ortográficas da Junta Pré-autonómica e presionado polos do ILGA, cujas teses rejeitara, terminou aliando-se com eles. Por isso resulta muito ilustrativa uma carta que se vem de publicar na Correspondência de Rodrigues Lapa. Eis o que nela nos diz: «Para esa empresa histórica, tan decisiva, tan radical, non nos sirve o portugués literario actual, que nós nunca temos falado nin escrito. A alternativa que nos impón a Historia non é galego/portugués, senón galego/castelán. Nesa alternativa, o portugués literario actual non pode substituir ao galego». Mais adiante acrescenta: «A min seméllame claro que hai unha primeira etapa común, a etapa medieval, a etapa do galego-portugués. Hai unha segunda etapa, a etapa moderna, en que esa lingua común medieval se diferencia en duas linguas irmás, o galego e mais o portugués. E hai unha terceira etapa que agora comenza, unha terceira etapa, na que non son duas senón tres as linguas que xurdiron do común galego-portugués: o galego, o portugués e mailo brasileiro». Ainda mais adiante: «En primeiro lugar, estamos totalmente de acordo en que o galego e o portugués son radicalmente a mesma lingua. Durante séculos -os séculos da súa formación e os primeiros séculos da súa floración literaria-, era unha lingua única que conocemos como galego-porgués. Si hoxe, ao cabo dos séculos, esa lingua se ramificou en tres variedades, o tronco, o núcleo, é común ás tres. (...) En consonancia con esto, a política a seguir na fixación do galego culto debe orientarse decididamente á consolidación de todo o que hai de común no galego e no portugués. E na incorporación do vocabulário técnico, que o galego ten que levar a cabo intensamente, tamén debemos tender á maior identidade das duas linguas irmás». Contudo, oito meses antes, nas «Jornadas Culturais Luso-Espanholas», celebradas em Lisboa em 12 de Fevereiro de 1973 tinha sublinhado «a dupla fraternidade que une a Galiza, politicamente à Espanha e linguisticamente a Portugal». De entre todas elas cumpre salientar a do 12-X-1976, em resposta a Rodrigues Lapa que lle enviava o texto sobre a carta de Otero Pedrayo. Nela Piñeiro perde o controlo. Primeiro diz representar a imensa maioria dos nossos intelectuais e que coincide com o profundo sentir do povo galego. E começa o seu argumento: «Olle, meu amigo: eu suscribo plenamente os puntos de vista de Corominas -que en realidade son os meus propios puntos de vista-, mas nom podoo suscribir os de Rodrigues Lapa. Corominas respeita a realidade do galego como tal porque non violenta a verdade histórica de que o galego -a lingua da Galiza- non foi nunca portugués». «Mesmo por eso, pretender que somos portugueses e que o portugués é a nosa lingua é un desatino histórico». Haverá que imaginar que para ele os falantes dos países americanos colonizados por Espanha também não falarão espanhol, pois nunca foram espanhóis. E que os USA tampouco falarão inglês...

#### 4. 0. Rodrigues Lapa e os Galegos

4.1. Rodrigues Lapa, conhecedor como poucos do nosso passado comum, considerou-se sempre cidadão da comunidade cultural internacional que ultrapassa os limites geográficos e políticos: a comunidade galego-luso-brasileiro-africana. Tinha pleno direito a falar como falou. Direito que lhe compete a todo utente da língua portuguesa. No livro *Correspondência* publicado no presente ano, vê-se como estava em contacto com todos os galegos que tinham qualquer coisa a dizer. É raro o galego que não passou por Anadia, topónimo que deixou de ser só tal e que hoje é nome de mulher na Galiza que tanto amou: por sugestão de quem isto diz há pelo menos duas meninas que se chamam Anadia na cidade de Vigo.

4.2. Foi pena que não se publicaram todas as cartas de Galegos a Rodrigues Lapa e deste àqueles. Mas as que aparecem no exemplar mostra claramente que o intercâmbio epistolar foi constante. Até 1936: Santiago Montero Diaz (Catedrático da Universidade de Compostela), Paulino Pedret Casado e Fermim Bouça-Brei e Álvaro de las Casas; de 1940 em diante, a primeira é do Catedrático Abelardo Moralejo que o convidava a dar uma conferência na Universidade e que ele rejeita. Abelardo Moralejo chama à guerra de 1936 «a Guerra da Libertação» e o Mestre sente-se molesto. Eis o que lhe diz: «Por isto, escusado será declarar a V. Ex<sup>a</sup> que, na luta que ensangüentou a Espanha durante três anos, eu fui do lado dos vencidos. E tive, aí mesmo em Espanha, excelente companhia... À vista destas declarações, suponho que não achará oportuna a ida dum homem como eu à Galiza, para fazer conferências na cidade do Apóstolo. Muito terei que fazer aí, visitar arquivos, colher da fonte viva o falar do povo e as suas tradições; mas quero ir em liberdade, não tolhido por quaisquer peias de ordem política».

4.3. Aparece depois a correspondência com a Academia (nomeado correspondente em 1945), com Fuco G. Gómez (B. Aires), Fernández del Riego (Vigo), do Centro Galego de Buenos Aires, Carré Alvarelos, Ramóm Piñeiro, Rodolfo Prada (Buenos Aires) convidando-o para dar uma conferência no Centro, e outra que lhe dirige a S. Paulo, Luís Seoane (este diz: «Ben quixéramos que algún día poidésemos facer en Galicia o homaxe que se lle debe a vostede»), Fontenla Rodrigues, Bouça-brei, Otero Pedrayo, Montero Santalha, Xavier Alcalá, Teresa Barros (Londres), Manuel Miragaia Doldán, José Ramón Pena, Carvalho Calero, M<sup>a</sup> do Carmo Henriques Salido... E muitas outras que não foram publicadas. É só uma

mostra. A Bouça-Brei escreve-lhe em plena guerra civil para saber dele e dos seus companheiros. Um são de elogio polo muito que tem trabalhado pola cultura galega, outras solicitando informação. Através destas e outras muitas dirigidas por toda parte de pessoas do mundo inteiro demonstra o trabalho no que estava imerso todo o ano e a intensidade da vida intelectual que se vivia em Anadia.

## 5.0. Incoerências dentro da coerência do pensamento de Rodrigues Lapa.

5.1. Na sua conferência sobre A Política do Idioma e as Universidades afirma que o Povo é o artífice da Língua. A língua é o resultante de duas forças: o povo e os letrados ou clérigos. «Se atendermos na evolução duma língua, havemos de verificar que a acção dos letrados se exerce quase sempre em sentido reaccionário e limitador, coisa aliás natural por ser gente que olha muito para atrás. Inventaram porém os hipócritas maneiras de nos iludirem e criaram o neologismo; o neologismo literário é quase sempre um fenómeno de reacção encapotado em modernismo, um recurso de pedantes e -pior do que isso- um roubo feito a cadáveres, como é o furto feito ao grego e ao latim. Os letrados procedem sempre assim em literatura e em política: sob cor de novidades impingem-nos mil coisas velhas». «O povo é, pois, por cima dos interesses e das vaidades efémeras dos letrados, o verdadeiro criador da Língua, e também o seu mais delicado conservador. E os letrados só o são de verdade, quando, a carão das palpitações do povo, que devem amar e proteger, se souberem elevar ao sentido universal da vida». Os filólogos, «Homens do passado, divinamente ingénuos e quase sempre teimosos, são levados, por força do seu mister, a refrear o passo à língua, julgando-se potentes e competentes para corrigir algumas das suas demasias e liberdades. Trabalho quase sempre inútil; e inútil, porque se há aí alguém que escreva mal são precisamente os filólogos, que nos aconselham a escrever bem. Estes respeitabilíssimos senhores estão quase sempre a falar-nos de «purismo» gramatical». Ao mesmo tempo reconhece que ante a exuberância de formas populares há que seleccionar, pois do contrário seria impossível de nos entender.

5.2. Na prática o Mestre também caiu nesse defeito dos filólogos ao falar do galego como dialecto rústico, selvagem, tosco e do português como o modelo a imitar. Todos sabemos que o que hoje é norma foi ainda não há muito antinorma e que o que hoje é modélico talvez em breve o deixe de ser. Arcaísmos voltam à vida e neologismos morrem continuamente. Houvesse sido melhor que falasse de co-dialectos como Lindley Cintra: o galego e o português pertencentes a um mesmo diassistema e língua

literária mais própria do mundo português onde se continuou a cultivar sem interrupção. Mas o seu caminho foi outro.

5.3. Contudo, ele admite a unidade na diversidade, o que os seus contrários não aceitaram. Unidade e diversidade que se admite para uns idiomas e não para outros. Por isso a sua atitude de ter presente o que nos une antes do que nos separa, é lógico tendo em conta que a diversidade será muito maior quanto maior seja o território no que se fala uma língua.

5.4. Se se admite que galego e português é o mesmo idioma, não se concebe muito bem o falar umas vezes do português falado na Galiza e outros dos idiomas galego e português, e mesmo do galego, português e brasileiro. Que um galego chame ao português que fala na Galiza galego ainda tem sentido por mero sentimentalismo. Ora para um português será sempre português bem ou mal falado. Para evitar essas incoerências convém falar de Língua, Idioma ou Diassistema ao conjunto de falares no mundo lusófono e falas às distintas variedades locais. Se se tiver que empregar a forma dialecto, convém que se empregue indistintamente para o falado num ou noutra lugar, ou empregar a variante de co-dialectos já que todos eles formam a Língua comum.

5.5. Rodrigues Lapa assumiu na prática o falar da Galiza com o mesmo valor que o falado em Portugal. Mesmo caiu no uso falso de vocábulos empregados ainda há pouco polos galegos: esgrévio com o significado de ilustre, egrégio, que nunca teve, ceive com o significado de livre e independente o que é falso, mas que ainda se ouve às vezes por nacionalistas ignorantes. Os escritores galegos não criaram azas no lugar de áas. Simplesmente o colheram do português quando em Portugal asa se escrevia aza. Mas tudo isto é a seu favor. Convém que os Portugueses saibam que não é só correcto o que se fala em Lisboa. O falar «político» do Norte é tão legítimo como qualquer outro. Às vezes os purismos estrangulam os idiomas e afastam de o falar as pessoas tímidas.

Estas são, em síntese, as Razões de um idealista que quis endireitar o caótico mundo ortográfico galego, o eminente portugalego Manuel Rodrigues Lapa.